

ENTREVISTA (PROJETO SELMA, 2002)

Pergunta: Como foi sua carreira de artista ligado às novas tecnologias?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Eu venho dos anos 50, das artes plásticas, e nos anos 60 foi o ano que eu nasci publicamente como artista com as exposições... e essa questão da tecnologia, da cibernética é uma coisa que começa a pipocar nos anos 50, quando a questão do computador, depois aquela máquina hipergrande mas superpoderosa, a ENIAC, começa a eclodir os processos tecnológicos. Praticamente na década de sessenta com plotters. Em 68, por aí, expoente que me interessavam, falando do ano de 66, 67, 68 cheguei ao Brasil em 67 expus na Bienal desse ano e já tinha interesse pôr essa área tecnológica mas não tinha equipamento na medida que tem hoje, como hoje está tão democratizado, você vai numa loja compra uma tinta, ...lá não existia nada disso, era tudo pura especulação mental. Me interessei por essa área desde por aí, experiências permutatórias, combinatórias, é a fase mais elementar. Nos anos 90 o computador explode para o mundo... ela tem uma atualidade desde 90 mas vem desde 60.

Pergunta: Você acha que o artista que se encaminha pra essa área tem um perfil diferente dos outros ou não?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Ele tem que ter um perfil diferente sim, ele tem que ter um perfil que equilibra o artístico com o racional, senão ele vai... não é qualquer um que se enfrenta com uma máquina. No meu caso, sempre tive uma queda muito grande para a arte construtivista, arte geométrica, um princípio de racionalidade com harmonia um princípio da espontaneidade, não é?... um artista, pôr exemplo, como Apolinari no campo experimental da fotografia, dos moduladores de luz, uma arte encaminhada para essa questão tecnológica. É Apolinari que, em 1922, faz os primeiros quadros pelo telefone, conforme aquele esquema milimetrado de batalha naval... Ele estava inaugurando o que a gente chama hoje de arte interativa, então, os artistas que se ligam, que nos ligamos a essa tecnologia, nossa origem é uma arte construtivista meio

classicista, uma arte geométrica, uma arte de cunho racional. Em termos de Brasil, quem faz a ligação, a ponte com esse universo tecnológico é a poesia concreta, por exemplo, já se colocam a questão de língua e poesia, a questão visual, no campo da tipologia e tipografia... uma tecnologia industrial, inicia pra lá de 1964, eu diria que há uma linha de atuação sim.

Pergunta: Você acha que a produção brasileira é significativa na arte tecnológica?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Olha, aqui há muito pouco pela própria condição do país também, só agora que a coisa, depois da famigerada lei da informática, só agora que está pintando material, equipamentos atuais como nesses países, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, França... o Brasil está em condições de trabalhar isso de uma forma mais completa, mais qualitativa, mas até agora não, até agora só havia especulação, especulação teórica, mas é devido também ao parque tecnológico existente. Um pouco por aí.

Pergunta: O que eu tenho notado também, é que as experiências mais interessantes acabam sendo na publicidade, na indústria cultural... Será que vai haver tempo de se constituir um campo artístico?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Quando há recursos, dinheiro... no caso da Globo, o Hans Donner produz dinheiro, seduz para os donos do país, ele fez agora a fita Globo.com, no mundo também foi implementado o logotipo da Globo, é famoso, ... e a Globo é uma poderosa empresa, a Globo implementou isso aí. Agora no campo cultural, veja bem, eu faço uma distinção que fica claro no meu livro, entre o vetor conservação e o vetor inovação. O Itaú é o protótipo do vetor de conservação, o Itaú nunca investiu em tecnologia quando ele fazia curadoria, estou falando da década de 80, 85, ele é conservador, armazenam memórias em discos, objetos artísticos feitos em outras técnicas. Depois essa coisa de CD-ROM. Com os conservadores nós trabalhamos sempre mais no vetor inovador, é uma questão de ideologia.

Pergunta: Você tem registro da sua obra, de todas as experiências que você fez?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Mas eu não tenho tempo nem saco para virar arquivista de mim mesmo. Tem o livro, a fotografia.

Pergunta: E organizar isso num site, alguma coisa assim...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Eu estou pensando sim, tem alguns trabalhos mais atuais que estão na Internet, mas não posso mostrar agora porque o meu modem pifou, eu tenho que comprar outro, arrumar, só segunda-feira. Tem esse vetor inovador, onde o artista trabalha, onde falta verba e tem o vetor conservador, um vetor mais... produtivo, como o da Globo

Pergunta: Você diz então, que existe um artista que tem um perfil diferente e que trabalha, esse perfil implica também numa determinada escola, digamos mais racionalista, mais construtivista. E o público, ele é diferente?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Num modo de pensar diferente também, aliás meio uma distinção que precisa ser feita hoje. Uma distinção, veja bem, através da história. O índio brasileiro, ele vai fazer o quê? Como vai representar a cobrinha, mais ou menos, como ele vai representar com essa tecnologia? (mostra uma artesanato indígena em ponto cruz), no plano, no ponto cruz... a cobrinha, a rã... vai ficando tudo abstrato. Então você tem aí um princípio de racionalidade. Como codificar seu imaginário com um aparato técnico, tecnológico mais sofisticado, é uma tendência do cérebro humano, entende? Agora, evidentemente, como a tecnologia teve essa explosão de consumo, aí todo mundo usa, mas usa nesse sentido vetorial que eu estou falando, e tem artista que faz CD-ROM, mas ele está conservando, está fotografando uma realidade, produções que não são tecnológicas, entende? É o caso do papel do Itaú, colocar Di Cavalcanti em CD ROM, tudo bem, mas é memória.

Pergunta: Mas a dificuldade justamente é a memória da arte tecnológica.

Prof. Dr. Júlio Plaza: Coloco memória enquanto memorização dos ritos culturais.

Pergunta: Você não acha que na arte tecnológica...
(interrupção)

Prof. Dr. Júlio Plaza: Agora produção tecnológica é outro vetor, faço questão de diferenciar os campos.

Pergunta: Mas você não acha que essa arte tecnológica tende mesmo a performance, a efemeridade...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Tende a tudo, tende a tudo, tende também, (**P:** mas menos a uma materialização da obra) em determinado momento pode haver determinada ênfase em performance, concordo pode haver determinado momento onde espetáculo fica mais relevante, mas são categorias, elas se tornam dominantes conforme os tempos, conforme a sensibilidade do momento, mas toca tudo, não é que ela é mais apropriada para. Não, é apropriada para tudo, depende do campo tecnológico.

Pergunta: Como é que vem a inspiração?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Bom, isso aí eu explico no meu livro... (**P:** mas conta pra nós, sem teoria). Bem, inspiração, veja bem, Stravinski falava que o artista tem de ter 1% de inspiração e 99% de transpiração, já resolve o problema, a inspiração é um termo romântico, não é? Claro, tem artes, tem artistas que cifram todo esse momento, Tem o princípio da espontaneidade, inclusive todo ato criativo comporta dois momentos: um momento espontâneo, chamado inspiração, e um momento de pensar esse espontâneo, e o momento de colocar as coisas no concreto. Então esses dois momentos, eles vão par e passo. Quando não vem um, vem outro, na realidade acontece isso, você pega um artista como Pollock, ele vai dar mais ênfase no momento de fazer pôr espontaneidade, não é? Pensamento e ação são concomitantes. Você pega uma antítese desse momento seria

Mondrian, sem abrir mão da espontaneidade, ele vai trabalhar mais com uma questão de ordem, relação ordem/desordem. Então são dois momentos inseparáveis. A inspiração sem conceito não existe, e o conceito também sem inspiração não vale nada.

Pergunta: Você acha que a crítica está conseguindo acompanhar essas experiências?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Onde? Em que país?

Pergunta: No Brasil, eu estou falando especificamente de arte tecnológica brasileira.

Prof. Dr. Júlio Plaza: Olha, veja bem, são figuras assim de importância como Mário Pedrosa, no Brasil nunca houve críticas de peso no campo das artes. Eu prefiro me ater ao exemplo dos ensaios poéticos de artistas, Waldemar Cordeiro, Goulart, ao contrário, os irmãos Campos, tanta gente que atua nesse campo, que seria a teoria da poética que me interessa. A crítica está esfacelada, pôr um lado ela tem que dar serviço ao jornal, pôr outro lado ela tem que dar serviço a um certo compromisso social, não sei, acho que não existe muito essa categoria de... Vão dar valor sem ter repertório...

Pergunta: Mas pensando que o crítico é quem ensina o público a ver a obra de uma determinada forma. O que a gente tem notado é que a crítica vê mais essas exposições como acontecimentos do que como manifestações artísticas, não é?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Aí há uma grande mistura do preconceito, aliás, essa questão do preconceito se dá constantemente, pelo menos a partir da Renascença, ela se dá constantemente, essa defasagem da crítica com o real é constante. Você conhece El Greco? El Greco viveu no mais absoluto ostracismo, porque a crítica da época não levava em conta, achava que aquilo era deformação, que o cara tinha astigmatismo. Aí vieram os expressionistas e descobriram El Greco. Entendeu? E sempre passa assim, a crítica fica muito além. O próprio drama dos cubistas, dos

impressionistas que foram rejeitados pelos salões. Há o processo de compreensão, de toda essa sensibilidade, então nessa ruptura mais dramática de introdução de novas formas tecnológicas, o pessoal fica mais atrelado ao repertório do passado.

Pergunta: Quer dizer que pra você essas manifestações de arte tecnológica, elas não rompem com aquilo que nós podemos chamar da arte da modernidade? Quer dizer, ela é só um outro momento e não uma ruptura? Não é a organização de um novo campo?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Não disse isso, não afirmei. Eu disse sim que há ruptura sim, porque é um outro momento de imagens de terceira geração, que é um processo tecnológico, que não se confunde com as imagens pintadas a mão, também não se confunde com as imagens de fundo técnico, industrial, onde a fotografia teria um papel importante, não é? Nesse sentido há uma ruptura, agora não significa que todo mundo que mexa com tecnologia vai fazer um trabalho bom. Ao nível instrumental sim, há uma ruptura, no sentido de descontinuidade. Mas isso aí é um mero instrumento, o instrumento pôr si não te traz a qualidade. É um problema, isso acontece no teatro, na arte da performance, na televisão, no cinema. Para você fazer uma fotografia artística, de boa qualidade não é só ter uma máquina e um filme.

Pergunta: Pesquisando a Internet, justamente vendo esse caráter democrático, a gente encontra muita porcaria...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Em todos os campos, agora essa porcaria aparece mais porquê. Fazendo um paralelo: no campo da política, parece que nós estamos no fim do mundo, é violência, é estupro, é assalto a banco, é isto, é aquilo, é o Covas, é os professores da USP, a Paulista. Parece que nós estamos imersos num caos, pôr comparação, no regime, nos anos de chumbo (se referindo ao regime militar), para usar a metáfora, lá não acontecia nada, estava tudo bem, Pôr que? Porque não havia democracia, ou seja, esse universo caótico que nós pensamos, que nos sentimos estressados até demais é porque tem televisão, porque tem jornal, porque tem na web, porque as pessoas falam, porque

tem cinema, então está aparecendo tudo, isso é um bem do sistema democrático, aparece tudo, parece que a gente está imerso num caos, na merda. **P:** Você não acha que também há um certo amadorismo, muito experimentalismo, que ainda não se formou um certo padrão estético dessa mídia, desse meio? Será que o padrão estético seria o conceito, mais o conceito? Júlio - Na web?

Pergunta: Será que esse padrão seria mais um conceito?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Veja bem, nós vivemos num mundo onde padrões estéticos fixos não são coerentes, apropriados a esse universo mais desordenado aparentemente, ou não, mais caótico. Porque é um mundo tipicamente experimental, um mundo tipicamente que procura saídas, onde esses protótipos estáticos não existem mais, a pergunta cabe mas não cabe a questão. Como buscar um padrão estético hoje quando tudo tende a fragmentação, porque o sistema ele... então é difícil realmente criar padrões estéticos estáticos.

Pergunta: Você acha que não tem como tentar encontrar um padrão estético, digamos de web arte?

Prof. Dr. Júlio Plaza: É um processo que já vem da... o problema da democratização dos meios de reprodução, (desde a fotografia?)... televisão, xerox... combinação de outros sistemas, tudo cada vez tende... as formas de visão, de veicular a informação, tudo isso é um processo democrático.

Pergunta: Você disse que não existe inspiração sem conceito, que a inspiração está junto com o conceito. O que eu notei...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Pura espontaneidade é animal, animal é puramente espontâneo...

Pergunta: Todas essas experiências com arte e tecnologia, pegando o caso da web arte que é a minha pesquisa. Tem caso que são só conceitos, a gente tem que acompanhar bem mentalmente, não tem esse envolvimento espontâneo que

existe quando se olha pra outras coisas. Eu achei um trabalho que me envolveu espontaneamente, eu me envolvi pela palavra, tinha conceito, era mental também, mas encontrei um Então será que tende bem mais... (a essa preparação) entre espontaneidade e conceito?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Não, eu acho que... veja bem, toda arte é tecnológica, toda arte, isso é tecnologia, isso aqui era feito pôr 2000... vegetal, transava, isso é tecnologia. Então tem que partir um pouco desse campo de visão mais... sabe? Não é tecnologia porque utiliza vídeo e raio laser, e... são técnicas mais um menos primárias que vão evoluindo, grau de complexidade maior, acrescentar... todo um processo, entende? Dividir o campo em é tecnológico ou não, é errado, isso não acerta as coisas. O princípio de espontaneidade já está embutido aqui nesta máquina, isso é uma máquina, não no sentido sofisticado, complexo de simuladores ou alta tecnologia, mas isso é uma máquina no sentido de outra linguagem, quando você entra, nos primeiros sinais há uma certa lógica que te obriga a tecer isso, isso é máquina nesse sentido. O estêncil, o estêncil serigráfico, o estêncil dos grafiteiros é quase máquina porque reproduz, você utiliza mesmo manualmente, isso aqui pode ser reproduzido em muitas unidades. Então o princípio maquínico já está aqui nesse objeto tão singelo. Entende como é? Todas as coisas tem que ser compreendidas pôr aí, senão você cria um lapso mental, uma cultura epistemológica, que não te faz compreender a passagem das coisas. Outro erro é considerar que a arte clássica não tinha tecnologia, em que o lápis sempre existiu. Você sabe quem criou um lápis, lápis de grafite, lápis comum existe a partir da revolução francesa, não tinha esse instrumento. Nosso pensamento erra pôr aí, nessa percepção das coisas, tudo é tecnológico, tudo tem um... uma instrumentalidade. Claro, do simples ao complexo, eu vejo pôr aí.

Pergunta: Eu vejo uma ruptura num sentido de que, até o advento da fotografia, as técnicas ou as tecnologias existentes elas continham muito menos elementos significantes em si próprias, isso é uma coisa. E segundo, que ainda o resultado dependia muito de uma técnica dominada pelo próprio artista. Enquanto a partir da fotografia a gente entra num campo conceitual, abstrato

aonde a participação dessa expressividade física do artista vai diminuindo, diminuindo.

Prof. Dr. Júlio Plaza: Sim, mais vai aumentando em outros campos, aí que entra o artista. No caso da fotografia, a fotografia como uma entidade... que já tem codificada pontos de vista através da ótica, é só disparar..., aí não caberia nunca um..., dá a volta pôr cima com esse dispositivo. Tem esse lado também, antes das técnicas mais duras havia esse processo que estão falando... da internalização, e coloco por exemplo, o caso do pintor... você conhece o pintor... pincel, tinta nanquim e água, e papel tipo filtro, de arroz, similar aos nossos filtros de café, ou seja, você joga a mancha, joga a água e não pode mexer, não pode retocar porque a mancha já ficou gravada lá, se você retocar você perde a espontaneidade. ... é uma técnica, eu posso falar dele porque já fiz curso com Sansei... lá na Fundação Japão... e eu fazia bastante bem, claro tinha amigos meus que disseram. É o seguinte, você internaliza a questão da água, da tinta, a tonalidade, a questão do tipo de pincel, se tem mais pelo, menos pelo, se ele é mais absorvente, são técnicas primárias mas que fazem com que o artista revele a imagem que tem dentro de si em harmonia com essa parafernália técnica. Então não adianta você ter o papel, o pincel, a tinta, você tem que internalizar, essas regras, essas energias: a energia da água, do pincel, um pincel com um pelo mais brando, um pelo mais duro que te leva aos aspectos da significação do bambu seco, falta de água e de tinta. Está visualizando? O bambu aguçado mais ying, essa equação ying-yang é você que atua. Quem não sabe utilizar, que não internaliza o suficiente fracassa, fracassa no sentido que não consegue expressar o que ele está imaginando, pensando.

Pergunta: Você ainda usa papel e lápis?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Sim, porque não? (**P:** usa?) Para escrever, sei lá... um rascunho (risos) Se tem muito preconceito em dizer que isso é... tanto da parte dos artistas mais de vanguarda, que nós chamamos assim, que trabalham com alta tecnologia, com de parte do público, ainda se mexe com, dentro de muitos preconceitos, teorias, sabe? A dificuldade é a mesma, você fazer uma obra aberta e o sumiê... que é uma técnica tão singela, como fazer um

videoteipe, fazer uma página da Web. O problema em si é o mesmo, só mudam os instrumentos e a sua capacidade, como você internalizou esses instrumentos. Há um site belíssimo do..., você conheceu...? Ele é antropólogo, colega da UNICAMP, (**P:** Conheço) ele fez um livro sobre os Camaiurás, e outras tribos amazônicas, está publicado. Então, umas meninas procuraram ele para ver se ele fornecia material fotográfico para organizar um site, as meninas fizeram um site belíssimo, ganharam um prêmio da Nações Unidas de cinco mil dólares, dois anos atrás, eu acho que este site está na Internet, ele é belíssimo, não somente a questão da representação dos índios, mas a linguagem da Web, gráfica, o tempo, é belíssimo, então quanto a criatividade se dá, não depende dos meios.

Pergunta: Você acha que na Web as linguagens se contrapõem democraticamente, ou existe a predominância ou do visual, ou do... tecnológico, da informática. Com você essa coisa da multimídia?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Tem de tudo, porque a internalização dos artistas são diferentes, mais qualitativas, mais quantitativas, então tem de tudo.

Pergunta: Você falou da técnica sumiê, a água, a tinta, o papel... O que se pode internalizar quando as técnicas... quando eu vou fazer uma página na Internet. Então, eu fiquei pensando: O que eu usaria de material para pensar sobre o meio, pra fazer essa internalização. O que seria? Seria o programa que eu estaria usando, o photoshop, uma coisa assim, ou justamente pensar no zero-um, nos espaços...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Você tem muito mais recursos... porque o que essas tecnologias fazem na realidade é codificar as tecnologias artesanais, quer dizer, quando um programa tipo photoshop, ou similares... o que você tem aí embutido? Um potencial, em potencial você tem toda a retórica da imagem, esse que é o grande barato. Agora, se você tem sensibilidade para perceber ou não, aí são outros quinhentos, ou cinquenta mil. Mas na realidade, um photoshop, cada ponto, cada... cresce em quantidade e qualidade. Há excesso de ferramentas, há excesso de

instrumental, o olho humano não tem sensibilidade para perceber milhões de tons, nosso olho não está preparado para tanta possibilidade. Como diferenciar entre um violeta mais ou menos... não há... porque os problemas da percepção são analógicos, ela não é digital, conseqüentemente você tem milhões de cores a disposição, agora cabe a sensibilidade a escolha.

Pergunta: Apesar de você ver a manutenção de determinados aspectos daquilo que a gente poderia chamar de arte, eu vejo uma transformação muito grande, por exemplo na leitura, aquele usuário que está na Internet, ele é um... ele está zapeando, ele pula, ele é tão fragmentado na sua leitura quanto o produto. Quer dizer, é muito interessante, é uma relação diferente, é uma...

Prof. Dr. Júlio Plaza: O que está em crise com essa ruptura é uma certa ideologia de leitura, que aprendeu a ler linearmente, e hoje em dia isso está sendo transmudado, aliás já foi transmudado... quer fazer experiências com o texto, alguém me dá tesoura e isso já acontecia desde o século passado, mas agora a coisa, igual na fotografia, já se mecanizou. Talvez se coloca em questão a ideologia de leitura linear, que na Internet é impossível, é a leitura simultânea e não linear. Mas que não é a Internet que descobriu, foram os artistas que já tinham pensado essas questões, então, a Internet comenta com um olhar mais experimental, mais rápido, mais explorador, mas também um olho mais inteligente, que sabe o que procura, o que é fundamental, essa questão da legibilidade dos tipos, a tipografia (**P:** a máquina também passa a ser fundamental) a fotografia, tudo. Veja, pôr exemplo, depois de um período recente de estagnação da fotografia, a fotografia recupera tudo, ela demonstra o grande potencial que ela tem como matriz de criação, fotografia que tem... ela aparece... recupera-se o espaço altamente figurativo da Renascença, através da fotografia, aí o universo se amplia, um universo muito mais inteligente. Mas aí o leitor, o espectador, o visualizador, o usuário, ele também tem que se formar nesse... É só pagar impulso telefônico e gastar luz e gastar máquina, agora a procura de quê? É aí que entra a questão da interatividade, se interage para quê? O pessoal na ECA, principalmente, ele fala muito sobre a morte do autor, não sei o quê, é a morte do autor...

Pergunta: Mais duas coisas: que é a tua opinião tua experiência pessoal sobre o evento da Casa das Rosas, o Imanência, do uso da tecnologia nesse evento (R: não vi)... é que foram oito pessoas que ficaram encerradas, uma cama (vi no jornal, psicológico de muito mal gosto). A tecnologia estava lá, tinha uma câmera transmitindo pela Internet, e chegavam e-mails de pessoas (R: telecomunicação), então, você não chegou a ver...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Eu acompanhei pelo jornal, através de leituras, mas não fui lá ver, mas é uma situação que você tem: você está na sua casa, eu estou na minha e nos comunicamos pôr Internet, inclusive, ontem saiu um programa bem interessante, pessoas que começaram a namorar e a comunicar trabalhos via e-mail, e teve até casamentos. Então são situações que hoje é natureza, é normal. Não é necessário se encerrar numa galeria, na Casa das Rosas, só para ficar famosos, sair jornal, é uma situação inerente ao próprio sistema.

Pergunta: Você diria que a Web art vai surgir espontaneamente do próprio uso da Internet? Quer dizer, não há a necessidade de que um grupo de artistas pensem artisticamente a Web?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Não, porque aí a figura do artista sobra, entende? Porque hoje em dia tem mais gente ligada que não se intitula artista entre aspas, sem titular gráficos, designers, há uma porrada de arquitetos que não fazem arquitetura mas fazem arquitetura digital, é um mundo que também democratiza as profissões, há um intercâmbio... (P: e vai desorganizar os campos estabelecidos, os departamentos) Evidentemente, porque os artistas plásticos que estão na Web, talvez tenha um, dois, ou cinquenta ou cinquenta mil, mas tem milhões e milhões de pessoas que não se intitulam artistas plásticos. A função do artista plástico... não sei, preferia trabalhar com o conceito de designer, é mais abrangente, é mais maleável, mais fluido nesse sentido, o artista plástico já se tipificou muito, certas categorias da arte, museus, galerias, empobreceu, o mundo está tão rico em experiências que nós não precisamos dessas figuras... Penso assim, sou mais radical, também

penso que na Web não se pode pensar em cima de sistemas... de formatar o grande estilo, não (**P**:como?) de formatar o grande estilo, a estética da Web, são milhares de estéticas...

Pergunta: Não sei, porque nessa pesquisa que estou fazendo, a gente nota bem nitidamente aquelas experiências que são feitas fora da Web, e a Web funciona apenas como veículo, como telefone, e aquelas experiências em que você percebe o autor internalizou a experiência da Web, então ele sabe quem é o seu usuário, ele sabe o tempo que ele vai destinar aquilo, é nítida a diferença... Eu comecei estudando o gancho das telenovelas como elemento narrativo, eu estou trabalhando com a ideia do link, uma série de outras coisas, a questão da interrupção e das emendas que se fazem nas narrativas. Então eu comecei a ver que na verdade, se nós pudermos entender alguma coisa como a linguagem da Web, é alguma coisa muito... como é que eu posso dizer, muito múltipla.

Prof. Dr. Júlio Plaza: Mas essa multiplicidade exatamente, que... complexidade que não permitiria fechar, pelo menos no momento, uma estética... assim múltiplas estéticas. Você sabe também que todo meio quando chega a exaustão, ao esgotamento é porque chegou a uma fórmula estética própria, caso da fotografia e do cinema, estou falando de fotografia química e de cinema normal, as fórmulas estão praticamente esgotadas, talvez pôr isso seja mais difícil fazer um filme bom, tematicamente diferente tudo bem, mas enquanto linguagem... Pôr exemplo, o cinema chegou à exaustão, todas as teorias da montagem estão aí, todos os filmes... estão de certa forma na história do cinema, da fotografia, da pintura, chega-se a um ponto crítico da exaustão, é um momento que começa pintar uma outra tecnologia, é isso que está acontecendo com a Web, ela é um híbrido, e se alimenta de tudo, é uma camaleão, é a antropofagia: fotografia, tipologia, desenho, pintura, tempo, musicalidade, é isto, é aquilo, é vídeo, é cinema, é jornalismo, é literatura, tudo, cabe tudo, pôr isso que é difícil. No momento que você fechar essa ideia de uma estética mais... a coisa está morte, é nesse sentido que digo que a coisa é muito mais..., ela se doa mais como experimentalismo.

Pergunta: O que você acha dos jogos? Você tem visto os jogos? Eu acho que são maravilhosos, eu vi um outro dia, que minha filha comprou, eu achei uma das coisa mais belas (R: em termos de criação..) chama-se Riven, você conhece? É maravilho, tem cinema, tem fotografia, mas cinema de boa qualidade, (R: é como uma obra de arte) fotografia e texto de boa qualidade, foi uma das melhores coisas que eu já vi no computador.

Prof. Dr. Júlio Plaza: O jogo trabalha muito com a questão da ordem e da desordem, ou seja, a desordem do acaso, a partida de futebol: desordem, onde cai a bola, qual é a energia com que a bola cai, qual é a energia dos... são acasos, mas os jogos tem regras, então é uma metáfora do princípio de criação, o racional e o intuitivo estão em jogo.

Pergunta: Outra coisa muito interessante é que há momentos em que há um narrador, esse jogo tem várias etapas, então tem momentos em que ele tem um narrador, o narrador fala com o usuário... essa interatividade também é muito complexa, tem horas que a gente está escutando, tem horas que a gente está vendo, tem horas que a gente está lendo, tem horas que a gente está navegando, tem horas que a câmera é subjetiva, tem horas que não é, eu achei uma das coisa mais bem resolvidas.

Prof. Dr. Júlio Plaza: O Pierre Lévy fala de uma inteligência coletiva, na expressão do conceito fechado, eu noto sim, que essas tecnologias todas fazem de nós usuários seres mais inteligentes (P: eu acho que o mundo está ficando mais inteligente) a gente observa com os próprios filhos, meninos de 10-12 anos, adolescentes, eles dão respostas que na minha infância, na minha idade, não é?

Pergunta: Será que isso não acarreta outras conseqüências?

Prof. Dr. Júlio Plaza: Claro, mundo vivo, que se transmuta. P: Eu vi a entrevista de um menino, de 15-16 anos, que criou um desses buscadores, como o AONDE, que foi vendido por milhões, essas coisas estão acontecendo por aí. E perguntaram pra ele: você não gosta de pesquisar numa biblioteca? Levaram ele no Rio de Janeiro, na Biblioteca

Municipal. Não consigo, eu tenho que estar digitando, aqui é muito calmo, e esses livros vão se deteriorar, vão perder, na Internet não. (**R:** é uma outra corporalidade) É, então, a ansiedade.. Júlio - Interação corpo-máquina, claro o corpo aí não é só matéria, carne, é emoções, espiritual, psicológico, é uma outra forma de... isso é uma questão de, Chaplin no mundo moderno iria fazer uma paródia de, né? Mas internaliza também, o ato de conduzir um automóvel, o ato de teclar a máquina, são atos já incorporados na nossa cultura cotidiana a partir da máquina, o ato de escovar os dentes, também são máquinas. Então essa relação do... com o artifício é constante, ela não para, não é que agora seja melhor, é de uma outra forma. Eu tenho observado, porque tenho um problema de tendinites aqui, uma coisa tão estupidamente simples como pegar um óculos, o peso do braço, eu tenho aqui tendinites que já havia passado, mas eu ia todo dia pra Campinas, então a máquina termina te apertando, afetando o corpo, não é?

Pergunta: Agora, outra coisa que eu tenho notado nessas minhas pesquisas que, pensando assim no significado que a própria máquina trás, quer dizer, eu acho que essa ideia da ficção científica, do futurismo, da utopia, eu acho que faz muito parte do computador, da Web. Se a gente for perceber o conteúdo das mensagens, não a forma, mas o conteúdo, a gente vê que há um apelo por essa ideia do milenarismo, da utopia, da...

Prof. Dr. Júlio Plaza: Mas isso é um misticismo, eu vejo mais a tendência nos anos 50, viagens á lua, sociedade mais... lembra? (**P:** Lembro), agora eu acho que não, porque há uma incorporação tão real, tão cotidiana, tão do dia-a-dia, não sei. Agora, é um acervo de depósito para tudo, tem carecas, tem estuprador, pederasta, narcotraficantes, tudo na rede, cabe tudo, é uma metáfora do mundo, então vai depender muito do seu recorte, do recorte que a gente faz, do interesse, se lá tende para isso ou aquilo, não teria condições porque a pesquisa seria tão imensa em termos de dados qualitativos... eu acho que não teria condições.

Pergunta: A última questão que eu tinha é sobre a Bienal, (R: do Itaú?), é, eles são de lá, e do MAC também é outro que faz, uma seleção internacional.

Prof. Dr. Júlio Plaza: Agora virou cotidiano, eu lembro que o primeiro projeto ligado a videotexto foi em 83. Eu tenho alguns slides, mas você tem... eu vou te mostrar, eu tenho uma fita de vídeo sobre... (P: ah, eu gostaria).

Disponível em:

http://web.archive.org/web/20100324114659/http://www.eca.usp.br/narrativas/intro/intro_por/narrativas/entrevistas/entrevista3.htm